



Porandubas

poranduba: informação "causo" (do Tupi-Guarani)



Jornal da Comunidade Universitária - PUCSP Ano VIII 14/Março/1984

CALOUROS, BENVINDOS

A você que está chegando à PUC, nossas boas-vindas. Neste momento, para você tudo é novidade: os prédios (somos testemunhas de como você andou, atrás de listas, procurando o Banco, secretarias, etc.); as caras dos/das colegas (e que caras! o verão torna a natureza ainda mais bonita); as propostas e normas (destas dificilmente você vai se livrar).

Mas aos poucos você se acostuma com o ambiente. Enquanto isso, este jornal se encarrega de habitualmente — a cada 15 dias, — lhe trazer novidades. Nossas páginas pertencem à comunidade universitária. Traga também as suas notícias: nossa redação está na sala 26, sub-solo do Prédio Novo e nosso ramal é 227.

Básico em Ci.Sociais

Começou a funcionar esta semana o Projeto de Reestruturação das Disciplinas Comuns do Básico para a Faculdade de Ciências Sociais. Depois de muita polêmica, o projeto foi aprovado pelo Cons. de Ensino e Pesquisa (CEPE) no dia 15/2. Por esta razão formaram-se 8 classes só com calouros de História, de Geografia e de Ciência Sociais, diferentemente das demais classes do Ciclo Básico que possuem alunos de vários cursos.

Na opinião da Profa. Ana Salles, Coordenadora do Ciclo Básico a aprovação do projeto pelo CEPE veio muito tarde, quando as turmas já estavam formadas, os horários de professores fixados e a programação das disciplinas comuns praticamente definidas: "Mas, graças ao esforço dos funcionários conseguimos redistribuir todas as turmas a tempo e desde 2ª feira os professores das comuns estão encaminhando os alunos de Ciências Sociais para suas novas salas. Os alunos retardatários devem

procurar a listagem geral na sala P-40 do P.Velho".

O QUE MUDA

Segundo o prof. Evaldo, Coordenador do Curso de Ciências Sociais, o objetivo da proposta de sua Faculdade é adequar o conteúdo das Disciplinas Comuns às necessidades do seu curso: "para que o aluno do 2º ou 3º ano sinta a ligação entre o que ele estudou no 1º ano e o que está estudando o que não acontecia. Neste momento dificilmente as Comuns teriam uma proposta para um Básico da Fac. Ciências Sociais e por isto estamos fazendo reuniões com cada equipe do Básico, relatando que serão nossos cursos e seus conteúdos neste primeiro semestre, para possíveis adaptações".

Mas segundo a profa. Ana Salles, "neste primeiro semestre será possível realizar apenas as adequações à realidade de cada classe, o que sempre foi o trabalho das inter-equipes do Básico, pois as programações das Comuns estão prontas desde fevereiro".

"É HOJE!"

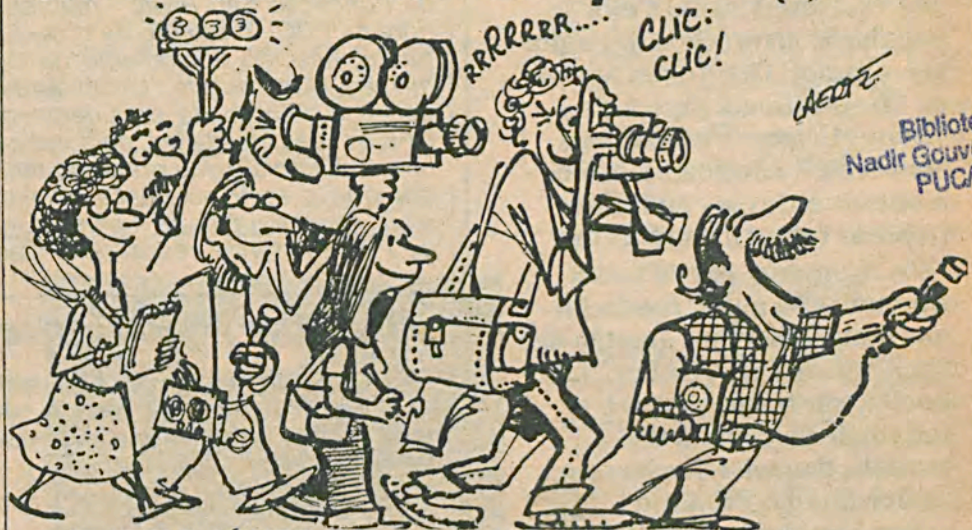
O campus Monte Alegre já conta com um informativo diário. Trata-se do mural "E HOJE", que está afixado em 16 locais de maior circulação. Pode chamar pelo ramal 227 ou apareça na redação do PORANDUBAS (sala 26, sub-solo do Prédio Novo), mande sua informação: nós a divulgaremos.

CURSOS DE EXTENSÃO

Neste início de ano estão sendo oferecidos cerca de 40 cursos de extensão, abertos a todos os interessados em atualizar seus conhecimentos.

Interessados, liguem para o ramal 305 ou apareçam na sala P-67 do Prédio Velho. MAS CORRAM, vários cursos deverão começar nos próximos dias!

Concurso de Reportagem:



- PATROCÍNIO: Editoras Moraes, Saraiva, Cortez
- PRÊMIOS: em livros - Cr\$ 30 mil (1º Prêmio); Cr\$ 20 mil (2º Prêmio); Cr\$ 10 mil (3º Prêmio).
- PARTICIPANTES: Pode participar toda a comunidade universitária da PUC (estudantes, funcionários, professores)
- TEMA: reportagem escrita sobre aspectos relativos à vida da PUCSP em qualquer um de seus campi (figuras humanas, eventos, pesquisas, serviços, etc.)
- ENTREGA: até dia 13/abril, no PROTOCOLO CENTRAL (campus Monte Alegre), na Secretaria da Faculdade (campus Paranaguá), para o Pe. Enzo (campus Sorocaba).

PUC PELAS DIRETAS

Dia 1º de março deu-se o primeiro passo para a formação do Comitê PUC pelas Diretas. Por iniciativa do DCF foi feito um ato público, com a presença de representantes de quase todos os partidos políticos (faltou o PMDB), da CUT e CONCLAT, APROPUC, UNE, UEE e de comitês pró-legalização do PCB e PC do B. As intervenções se sucediam perante uma platéia de cerca de 400 pessoas quando ocorreram dois momentos de forte emoção. Simbolizando a unidade que se deseja, o representante da CONCLAT deu a notícia de que Lula e os companheiros sindicalistas acabavam de ser absolvidos. Outro momento de emoção foi, mais ao final, quando os representantes do PT e do PTB debateram sobre o acordo PTB-PDS. Enfim, apesar da questionável oportunidade da promoção da união, a boa idéia do nosso Comitê pelas Diretas está lançada. A TV registrou. Espera-se que o Comitê se efetive antes das eleições... (Mais Diretas na entrevista com Perseu Abramo, p. 4).



editorial:

7º Aniversário: Qual é a Nossa?

Este exemplar que você tem em mãos, quem sabe pela primeira vez, talvez já seu velho conhecido, é o jornal da PUC. Ele faz aniversário hoje. Ao longo desses 7 anos, tem sido esta a definição que construímos: o **PORANDUBAS** (que significa - é sempre bom lembrar - "informações", "causos", em língua tupi), pretende ser um jornal desta comunidade concreta, com suas pessoas e grupos, seus conflitos, articulações e avanços.

Dessa definição decorrem nossa força e nossa fraqueza. Nossa força porque as notícias que damos, mais ninguém consegue publicar. Nosso material interessa diretamente a esta população alvoroçada que agita pelos campi. Dentro das ameias da "República Utópica da Monte Alegre - Paranaguá - Sorocaba", consideramos-nos - modéstia às favas - imbatíveis frente às folhas e estações da vida. Contudo, aí está nossa fraqueza - ou antes, limitação - que sempre fazemos questão de anunciar. A PUC, embora fale bonito, ainda fala pouco à sociedade do comum dos mortais, daqueles que jamais completarão o Primário.

Um jornal não é um "objeto folhoso", inerte, mas fruto de uma relação entre o público leitor e os jornalistas. Quando o ambiente é agitado por propostas e debates — o que sempre acontece na PUC — o **PORANDUBAS** tem assunto, sai vivo. Já os setores que se colocam à margem da dinâmica geral, encontram dificuldades para ganhar o realce que sonhariam ter em nossas páginas. Não pretendemos ficar atrás da caminhada de nossos leitores (sai de mim, Tinhoso!). Também fugimos de ser um espelho idêntico àquilo que acontece (deixamos essa tarefa necessária para as atas do Aquino e do Nagamine). Enfim, nos negamos a tomar posições vanguardistas que talvez nos confirmem uma aura messiânica mas que garantem apenas escassa leitura de uns raros eleitos.

Neste momento, percebemos que nossa tarefa é colaborar pedagogicamente para que esta universidade se democratize ao se apropriar de informações que aqui dentro afetam a vida de todos. É mais ou menos como disse "La Chau": "tudo o que se esconde é avesso à democracia".

Em suma. Não queremos ser porta-vozes de ninguém: nem jornal pelego, nem oposição sistemática. Apenas um jornal democrático.

Mensagem da Reitora à Comunidade

1 - Gostaria inicialmente de dar cordiais boas-vindas ao corpo docente, discente e administrativo, por ocasião do início deste ano letivo. Faço uma saudação muito especial aos 4 mil calouros, junto com os votos de que o trabalho se inicia represente um avanço efetivo naquilo que é a essência do trabalho universitário: docência, pesquisa e serviços à comunidade.

2 - O ano de 1984 dá indícios de que será significativo para a vida e história desta universidade. Há dois aspectos a ressaltar:

— após um esforço de mais de 4 anos envolvendo inúmeros elementos dos segmentos desta universidade e de seus Colegiados, foi enviado ao Conselho Federal de Educação e ao Conselho Superior da Fundação São Paulo - mantenedora da PUC - o projeto de novo Estatuto, nascido do trabalho da Comissão Constituinte. Estou aguardando o retorno do presidente do CFE às suas atividades, para marcar uma audiência e que pretendo mostrar que o texto expressa anseios reais da comunidade universitária da PUC conforme ressaltou o Con-

selho Universitário ao aprovar aquele documento.

— Em segundo lugar, este ano marca a mudança na Direção maior da nossa Universidade. A comunidade será chamada a escolher a nova Reitoria. Da participação consciente de todos, da discussão dos objetivos dos grandes problemas da Universidade e da individuação de pessoas capazes de encaminhar o trabalho até aqui realizado, irá depender não só a consolidação do nosso caminho e de nossas práticas democráticas, mas também o próprio futuro do projeto educacional que estamos construindo juntos.

3 - Há um outro contexto maior que empresta um significado peculiar ao novo ano acadêmico. Trata-se do empenho histórico do povo brasileiro na conquista e na afirmação de uma sociedade livre através da luta pelas eleições diretas. Não se pode deixar de perceber que o avanço e a mudança da universidade brasileira depende estreitamente da democratização da sociedade e do surgimento de estruturas, práticas e comportamentos novos na condução dos destinos da República.

Neste contexto, as discussões

em curso na Universidade Brasileira no âmbito das Universidades Federais e Estaduais, bem como os debates da Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC), demonstram certo paralelismo com as propostas discutidas na Sociedade Civil através de uma mobilização inédita da população brasileira.

4 - No mês de janeiro estive presente na Assembléia da ABESC onde se debateu acerca da identidade e do papel das Escolas Superiores Católicas e o seu processo de democratização. O assunto permanecerá em pautas de discussão ao longo do presente ano.

5 - O presente ano acadêmico, portanto, ao lado das tarefas normais, se apresenta pleno de desafios mas também carregado de expectativas. Minha palavra inaugural à comunidade universitária quer ser um apelo à análise objetiva, ao discernimento político e à identificação com esta Universidade que para nós representa o espaço de nossa convivência, de nosso trabalho e de nossa presença na realidade do País.

Nadir Gouveia Kfourir
Reitora

Diretas Para Reitor

1984, ano de diretas. Na PUC você vai votar prá Reitor. Mas votar só não basta. Vamos discutir o que queremos desta Universidade, desde já.

ONDE ESTAMOS?

Num país onde, graças ao governo e sua política recessiva, a crise se aprofunda cada vez mais. Apesar disto se intensifica a participação popular, tomando Praças e ruas, pequenas demais para o povo que clama: Diretas, Já!

Nossa PUC também passa por uma crise. Esta crise é, em muitos aspectos, a crise da Universidade Brasileira: educacional, política e financeira. Mas também aqui a Comunidade Universitária tem participado intensamente na busca de caminhos e alternativas para a construção de uma nova Universidade, apesar das resistências de setores mais conservadores no seu interior.

Neste sentido cabe ressaltar momentos importantes da nossa história recente, tais como:

- em 1980, eleições diretas paritárias da atual Reitora;
- em 1981, eleições diretas para Diretores de Centros e Faculdades;
- em 1982, Comissão Constituinte para elaboração dos novos Estatutos;
- em 1983, a realização do I Encontro da Comunidade Universitária e a conquista da paridade da representação estudantil no Conselho de Administração e Finanças (CAF) e Conselho Comunitário (CECOM).

Estes momentos, não obstante alguns recuos, têm marcado a construção de um projeto democrático para uma nova Universidade.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984

Tel: 263.0211 r. 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
Edison M. de Almeida
Maurício Gonçalves

QUEM SOMOS?

Professores, funcionários e estudantes que vêm participando ativamente em todos estes momentos da recente história da PUC, preocupados e comprometidos com a consolidação e avanço deste processo.

Agora, no limiar deste ano de 84, que deverá ser decisivo para esta consolidação e avanço, empenhamo-nos pela ampliação da discussão das soluções alternativas necessárias à construção desta Universidade nova e democrática.

A QUE NOS PROPOMOS?

Uma eleição democrática para Reitoria exige a participação ativa de todos nós. Não queremos aqui na PUC nem Colégio Eleitoral, nem candidaturas gestadas em gabinetes ou corredores, sem vínculos claros com projetos e compromissos assumidos e discutidos com a Comunidade.

Por isso nos juntamos para formar embrionariamente este comitê, que se abre a partir deste momento a todos os professores, funcionários e estudantes. Nós nos propomos a:

1) Defender intransigentemente as conquistas democráticas na PUC, sua consolidação e avanço.

Para isso, defendemos a construção de uma gestão democrática que permita o enfrentamento dos graves problemas da Universidade, respeitando e valorando a participação e os interesses dos diferentes segmentos da Comunidade Universitária.

2) Lutar por um projeto educacional que incorpore uma nova pedagogia, resultante da assimilação deste processo democrático, capaz de romper as amarras autoritárias que ainda vigoram e colocá-lo na direção dos interesses da maioria da população.

COMO FAZÊ-LO?

Com a participação, desde já. Para isso propomos três eixos de intervenção.

1. Formação de um Comitê composto por professores, funcionários e estudantes, para discussão de linhas para um projeto político-administrativo para a PUC nos próximos quatro anos. Estas

discussões deverão acontecer neste 1º semestre. Nossa proposta é que desemboquem uma "convenção" que escolherá democraticamente uma chapa para concorrer à Reitoria.

2. Promover discussões amplas sobre temas e com pessoas que explicitem diferentes concepções e projetos para a Universidade. Essas discussões deverão incluir, oportunamente, as articulações de candidaturas que já se pronunciaram oficiosamente pelos corredores.

3. Defender uma organização, regulamento e calendário eleitorais que garantam um avanço substantivo na nossa prática democrática: consolidando-a como um processo de baixo para cima, inclusive na elaboração de programa para a próxima gestão de Reitoria.

Comitê Universitário por uma PUC-SP democrática



Tel. 864.3218

DEPILAÇÃO MINERVA

método europeu
cera quente

- Perna Completa:
Cr\$ 1.000,00
- Meia Perna:
Cr\$ 500,00
- Axilas:
Cr\$ 250,00

Rua João Ramalho, 824
(esquina av. Sumaré)

Cartas

Atlética

A Associação Atlética Acadêmica Leão XIII, vem por meio desta declarar que:

1) A Associação não possui vínculo de nenhuma espécie com quaisquer das chapas envolvidas na eleição do C.A., bem como quaisquer outras atividades que não estejam ligadas ao esporte.

Desta forma esperamos que todas as insinuações que foram — e estão sendo feitas estejam respondidas. Nossas atividades sempre foram norteadas pelo princípio de não envolvimento, ficando claro, no entanto que todo e qualquer sócio da A.A.A. Leão XIII pode ter sua posição política, desde que não o fazendo em nome da entidade.

2) As eleições para renovação de mandatos serão realizadas em breve, com data e condições para inscrição de chapas anunciadas por meio de editais a serem afixados.

3) As declarações realizadas em sala de aula por representantes de algumas das chapas concorrentes ao CA de que a Atlética necessitava de reconstrução não englobam toda a verdade.

O nosso espaço físico foi depredado sem que os responsáveis fossem sequer admoestados, quanto mais punidos.

Apesar deste ato de vandalismo — em contra eco exclusivamente nas manifestações de "punks" que por vezes assolam a PUC — participamos de todos os campeonatos nos quais nossas modestas condições financeiras nos permitiram. As taxas de inscrições foram cobertas pelos atletas e diretores — aos quais de público agradeço — com sacrifício.

A participação de nossa Atlética, dadas as condições em que se realizou foi, no mínimo, honrosa.

Aproveito a oportunidade para convocar todos os ESPORTISTAS da FEA—PUC para que participem de nossas atividades esportivas, esperando resolver nosso problema de espaço físico no mais curto intervalo de tempo.

Novamente agradeço a todos que desanimaram neste difícil ano por que passamos, contando com sua colaboração para as novas conquistas que nos esperam, visando o engrandecimento de nossa entidade.

Osmar Masini Visibelli
Presidente (ATLÉTICA)

Os Meninos Mimados

Os centros acadêmicos necessitam de recursos para que possam desenvolver todas as suas atividades sejam elas culturais, políticas ou acadêmicas. E eu acredito ser muito justo todo o empenho realizado nesse sentido, especialmente pelo fato de que toda entidade que desejar ter sua liberdade política, necessariamente terá de ter a sua independência econômica, assim dizia o velho provérbio chinês (ou seria ianque?)

Em todos os anos sempre foi a "carteirinha" de estudante a principal fonte de renda dos C.As., este ano, com a queda do direito de frequentar os cinemas pagando meia-entrada, esta não dará aos alunos aquelas receitas tão apetitosas como em anos passados. Mas falando em meia-entrada, achei pouco interessante não haver qualquer manifestação para recuperar mais este direito usurpado pela ditadura, assim foi as eleições diretas, mas as diretas vão sair.

Mas voltando ao assunto, é lamentável o que o diretoria do C.A. LEÃO XIII, entidade que representa os alunos dos cursos de Economia, Contabilidade e Administração, vem praticando para manter o seu caixa alto simplesmente está vinculando a carteirinha de estudante com a de passe escolar, ou seja, para retirar a carteirinha de passe, que em outros C.As. custa \$ 750,00 e no LEÃO XIII \$ 1.500,00, nós ainda somos obrigados a comprar a carteirinha de estudante por \$ 3.580,00 (tire a mão do meu bolso, larapio desculpe, na civilização se fala corrupção.).

Mas não devemos nos exaltar, pois isto era esperado, uma vez que na apuração da eleição do LEÃO XIII, realizada em novembro de 83, os slogans preferidos dos meninos eram: "1,2,3 AI-5 outra vez" "e/ou" "1,2,3,4,5 1000 queremos o Maluf presidente do Brasil" e diante disso uma simples coersão em cima dos que necessitam de passes escolares nada significa, pois quem anda de ônibus é apenas povo.

Mas para os que forem comprar a carteirinha de passe fica a informação, terá de desembolsar cinco mil cruzeiros ou vir estudar de patinete. A outra saída seria se todos exigissem que a carteirinha de passe fosse vendida independente da estudante e pelo preço real, ou seja, \$ 750,00.

Ademis Garcia (Eco).

Leão XIII Informa

Carteira de Passe Escolar... Cr\$ 750,00
(não vinculada ao C.A. Leão XIII)
Renovação do C.A. Leão XIII... Cr\$ 3.500,00
Renovação da Carteira do C.A.....
..... Cr\$ 2.000,00

O C.A. Leão XIII oferece ao associado:
TELEVISÃO
VIDEO-CASSETTE
MICROCOMPUTADOR
FLIPERAMA
VIDEO-GAME
PAPELARIA
BAR
GRÁFICA
BANCA DE JORNAL
HOBBY SPORTS (com suas 9 sedes)
E VÁRIOS OUTROS CONVÊNIOS
E BENEFÍCIOS. A DIRETORIA
Gestão - Formar

Demissões de Professores

Os professores do Departamento de Comunicação Jornalística e a Coordenação do Curso de Jornalismo da PUC/SP protestam contra as recentes demissões arbitrárias de professores da Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo e se solidarizam com todos os professores e alunos que estão lutando por condições dignas de trabalho e pelo estabelecimento da democracia nessa Instituição.

Descobrir o Coração

Adeus Família, Adeus Exército

(esta crônica levou o 1º lugar no Concurso de Crônicas da Folha da Tarde. Merecidamente).

O pai assobiou. O menino abiu a porta e desceu a escada. Na mesa, só a mãe. A mesma mãe sozinha. Quando o pai assobiava para chamar o menino, já estava saindo pro trabalho. O pai diurno era só um assobio. Um assobio chamando pro café da manhã. Como o apito de uma fábrica chamando pro trabalho. Tantas vezes o menino sentou-se à mesa que o pão não deu pra todos. Todos os meninos tinham fome. A mãe repartia a fome entre os filhos da forma mais justa possível. Comessem meio pãozinho cada um. O leite para o menor, que precisava crescer. Era cada vez mais difícil para o pai crescer todos os filhos. O menino tomou um resto de café frio e foi brincar no quintal. Ali onde tinha plantado um pé-de-feijão, encontrei os palitos de fósforo usados. Era preciso preparar o exército, vestir os soldados com as tampinhas de alumínio das garrafas de leite. Fazer os tanques de guerra com as caixas de fósforos. Com as caixas de fósforos e os papéis de bala os helicópteros. E os pregos, digo, as armas, de diferentes tamanhos para diferentes homens. Para os soldados, preguinhos. Que bem sabiam ser espingardas. Para os sargentos, pregos maiores, metralhadoras. As tachinhas? Revólveres para os tenentes, capitães, coronéis. E os tanques armados com pregos grandes canhões. Depois, era preciso transportar a tropa com os helicópteros, cavar trincheiras, esconder os soldados atrás dos morros, nas selvas de pés de feijão. E esperar o inimigo. O inimigo! Mas que inimigo... Ah... era preciso criar um exército inimigo. Sem inimigo não há guerra, e não havendo guerra os soldados começam a brigar entre si. e como não ter vizinhos: os irmãos começam a brigar uns com os outros e, então, adeus família, adeus exército.

Fernando Zanetti, (formado em Jornalismo pela PUC, ex-fotógrafo do PORANDUBAS, aluno do Pós em Comunicação e Semiótica).

Sensibilidade

Nas adjacências da tua alma
sinto-me envolvido pela auréola
da tua sensibilidade...

Nos teus meigos e calados olhos,
vejo a faísca invisível do ardente
amor amigo...

Nas tuas expressões, sinto os enlevos
da paz, os teus passos são firmes...
contudo suavizados pelo amor com que
pisas no chão.

O caminho é longo e tortuoso, magna
é a tua sensibilidade, porém, há
de ter a paz para chegar
ao etéreo amor? Sim.

Luis Soares de Lima (Gráfica)

A Invasão

De repente, vindos não se sabe de onde, eles começaram a chegar aos milhares.

Jovens, velhos, crianças famintas, mulheres com sacolas, guardadores de carros, vendedores de esquina, pedintes. De acordo com estatísticas oficiais, calculou-se que, só limpadores de pára-brisa, eram mais de 400.

Imaginou-se um novo quebra-quebra como aquele ocorrido em São Paulo em 1983.

Simultaneamente, como que obedecendo a uma ordem secreta, todas as faculdades do país foram invadidas. Os corredores tomados e as salas de aula ocupadas. Os alunos expulsos.

Negociou-se durante seis dias mas nada se conseguiu. Eles não saíram.

As pressões aumentavam mas nada se podia fazer pois temia-se pela vida dos quase três mil professores feitos reféns.

Conta-se que uma velhinha de 74 anos, viúva e bisavó leu, em apenas 26 dias, 44 livros. Os equipamentos audiovisuais de ensino passaram a ser requisitados 24 horas por dia. A organização era perfeita: quatro horas de trabalho para cada oito de estudo. Os corredores ficaram limpos e silenciosos. Só se ouvia, aqui e ali, a voz dos professores. As classes eram abafadas... nos 60 lugares tradicionais amontoavam-se mais



de cem pessoas. Duzentos olhos e ouvidos escancarados. Milhares de perguntas questionavam os mestres. A teoria e a prática se confrontavam. Os professores estavam trôntos. Um deles dizia: ... em quase trinta anos de magistério nunca encontrei classe tão interessada...

A população pressionava as autoridades exigindo a expulsão, os invasores reforçavam seus comitês de segurança.

A cidade durante algum tempo ficou um tanto estranha. Nas feiras-livres o protesto era geral: "ONDE ESTÃO OS CARREGADORES??!!" Na zona do mercado centenas de sacos de batata apodreciam... Donas-de-casa engalfinhavam-se em plena rua na disputa por uma doméstica... chegavam até a oferecer carteira assinada e um quarto igual ao das crianças."

Hoje, as coisas já voltaram à normalidade ou, pelo menos, o mais próximo dela. Outro dia, encontrei dois amigos que me contaram estar ganhando uma nota. Um deles, o que é historiador, montou uma barraca de corta-legumes na Rua Direita. O outro, o psicólogo, trabalha de servente numa construção e já até comprou um terreninho perto de São Miguel.

(Miutacae/Jornalismo)

O Poeta

EM 5 de dezembro do ano que já se vai longe, o orador das preces dos desocupados, estava cantando livre a noite de São Bartolomeu que o mundo encontra-se mergulhado. Jovem magro como os subnutridos das regiões onde a fome tornou-se rotina, não causando espanto àqueles acostumados com a abundância de uma mesa farta. E nesse contexto que surge o jovem poeta cantarolando as mazelas da existência humana e suas contradições. Nem de esquerda nem de direita, faz ele seus discursos inflamados, não como todos aqueles que procuram alguma forma de poder mas apenas retrata o absurdo da existência humana. Curioso notar, que suas palavras são eivadas de um sarcasmo assustador porque ridicularizam o cotidiano dos cidadãos que vivem as suas contradições de forma a não questioná-las mas apenas as vivem. Há jovem poeta, quem me dera ser eu suficientemente honesto para reconhecer a mediocridade dos meus conhecimentos críticos e pudesse parar para te ouvir um pouco mais e assim aclarar os meus horizontes tão pequenos, pois suas línguas e seus limites se circunscrevem ao término da página de um livro. O horizonte dos críticos autênticos do mundo em que vivemos não encerra-se nas doutrinas ou teorias que apreendemos, mas se expande pelas turbulências e labirintos que encontramos nos seres humanos. Mas a rotina da vida não nos permite parar para observar, palavras jocosas mais honestas que aparentemente não trazem solução mas na verdade são frutos que um dia distante talvez sirva para identificar a mediocridade que os homens do nosso tempo estão lançados. Como faço parte deste exército que não tem comandante, quero lhe desejar sucesso nas suas críticas pois se a linha do horizonte deste seu amigo é a página de um livro, estamos todos a navegar num mesmo barco onde os remadores só têm um objetivo: alcançar terras seguras onde possamos amar e fazer justiça que são os dois maiores absurdos que os homens durante toda a sua vida procuram encontrar.

Saudações absurdas.

CLAUDIO DE FREITAS

LORTEZ
EDITORA

Vendas a prazo,
sem juros e sem acréscimo.

Agora ficou mais fácil o acesso à Bibliografia recomendada no seu curso e manter-se informado das novas publicações.

Visite-nos no andar térreo da PUC ou à Rua Bartira, 387

Tel.: (011) 864-0111

Perseu Abramo

Perseu Abramo, professor do curso de jornalismo da PUC, sintetiza em si uma parte importante da história da Imprensa em S. Paulo e no País. Ele é o convidado especial da festa do 7º aniversário do PORANDUBAS e nos conta um pouco da aventura romântica mas também da luta de resistência pela democracia em nossa sociedade, empreendida pela classe dos jornalistas. Analisa ainda como a caminhada pelas eleições diretas para Presidente vai acabar invadindo todos os órgãos de imprensa.

Participou da entrevista o "guest reporter" Luis Egypto. Obrigado.

JORNALISTA? PROFESSOR?

PORANDUBAS: Já de início, vamos tirar uma dúvida. O que você é mais: jornalista ou professor?

Perseu: Eu sou as duas coisas, depende da época. Quando ficou difícil ser professor, fui jornalista, e vice-versa. Na verdade, fui primeiro jornalista: ser professor é uma decorrência desse fato. Venho de uma família de militantes trotskistas (o trotskismo da década de 30 é diferente do atual), de jornalistas e artistas. Estes três ingredientes são característicos da segunda geração de imigrantes, que chegaram entre 1910 e 1920. Os descendentes dessas famílias aspiravam no máximo a concluir o ginásio, sendo a Universidade um sonho distante. Assim, essas pessoas iam para as artes, para o jornalismo, como foi o caso de meus tios: o Lívio Abramo, o Fúlvio, o Cláudio, a Lélia. Esse ambiente influenciou muito minha vida.

Eu trabalhava nas férias, nos intervalos de aula. Fui contínuo de fábrica, trabalhei em loja de consertos de rádio, ajudei meu pai em contabilidade, fui escrivão do IAPI. Até na Vera Cruz eu trabalhei, na técnica do filme "O Caiçara".

Aí comecei a trabalhar em jornais, ainda menor-de-idade. Fui suplente de "Conferente de Revisor", isto é, eu substituí a pessoa que ficava ouvindo o revisor ler o material impresso e conferindo nos originais. Isto foi no JORNAL DE SÃO PAULO, dissidência da FOLHA DA MANHÃ, liderado pelo poeta Guilherme de Almeida. O jornal logo abriu falência. Depois fui para a FOLHA SOCIALISTA, que era a imprensa alternativa da época, e depois para A HORA, que foi minha melhor escola de jornalismo.

PORANDUBAS: Qual foi o momento de sua opção pelo jornalismo?

Perseu: Foi imediata, logo no primeiro jornal. Bastou sentir o cheiro da tinta, aquela aura de boemia da profissão. Eu começava às 22 h. e ia até às 2 da madrugada. Estávamos em 1945 em pleno movimento de redemocratização, a gente participava da vida política que renascia. Quando terminei o Colegial, eu já estava casado, com filhos. Fui fazer Ciências Sociais da USP. Durante o dia eu trabalhava no IAPI e à noite no A HORA. Depois passei para O ESTADO DE S. PAULO, por influência do Cláudio Abramo. Entrei na Editoria Internacional. Fiquei 10 anos no Estadão, onde fiz de tudo. Cheguei a ser 1º redator da Editoria Internacional, que era o charme do jornal. Assim que foi aberta a Seção de Reportagem, tornei-me repórter, junto com o Sábado Magaldi, com o Fernan-

do Pedreira e o Belmiro Gonçalves. O chefe era Cláudio Abramo. Fui também Chefe de Reportagem, Sub-Secretário e até Editor de Esportes. Só não fiz reportagem policial. Do Estadão fui para Universidade de Brasília.

Paralelamente, eu havia desenvolvido uma carreira acadêmica. Era pesquisador no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, ligado à USP, junto com Fernando de Azevedo e com jovens assistentes de Florestan Fernandes: o Fernando Henrique Cardoso, o Octavio Ianni. Havia também o pessoal da Educação: o Laerte Ramos de Carvalho, o Joel Silveira e outros.

JORNAL OBJETO

PORANDUBAS: Depois de todo esse caminho, como você vê o jornal de hoje?

Perseu: O jornal se transformou. Hoje ele deixou de ser um observador para ser um divulgador de mensagens alheias. Pelo menos noto isso em alguns jornais de São Paulo. Antigamente o jornalista ia observar as coisas. O jornal era mais sujeito da notícia. A impressão que dá, é que hoje o sujeito é a autoridade e o jornal passa apenas a divulgar a opinião das autoridades, exceto no Editorial.

Creio que isso se deve à institucionalização do País. Hoje, o Estado e as empresas estão mais solidificadas. Também penso que ao longo de 20 anos de ditadura e de censura, os jornais se atemorizaram e recuaram da sua função de observador crítico da sociedade. A FOLHA DE SÃO PAULO vem reassumindo essa função, com a campanha das diretas. Mas mesmo aí, a FOLHA adota muito a função de veículo divulgador.

PORANDUBAS: A perda do poder investigativo coincide com a morte da reportagem?

Perseu: A morte da reportagem é um sintoma disso. Hoje, os jornais ou publicam artigos e opiniões ou então publicam declarações... Na FOLHA a gente até brincava dizendo que "só será publicado que vai chover ou fazersol se o Prefeito declarar isso". A mudança principal acho que é esta perda do jornalismo como sujeito da observação. Creio que as verdadeiras fontes do poder exercem um controle sobre as publicações.

PORANDUBAS: Como foi sua experiência na Universidade de Brasília?

Perseu: Em 1962, o Anísio Teixeira e o Darcy Ribeiro percorreram o Brasil recrutando professores para a recém-fundada UnB. Durante a agitada década de 50 debateu-se muito sobre a universidade: queria-se o fim da cátedra, maior engajamento social. Essas discussões e experiências foram recolhi-

das pelos fundadores da UnB. Eles foram à USP e o prof. Florestan Fernandes teve a gentileza de indicar a mim e a outros ex-alunos dele. Fui a Brasília e me encantei com a Universidade. Eu fora professor na Escola Cásper Líbero, durante 2 anos, onde havia um curso muito distante da prática, lecionado por antigos profissionais da Gazeta. Em 1960 eu era Chefe de Reportagem do Estadão e um grupo de alunos me convidou para ser professor de lá.

LIÇÕES DO ESTADÃO

PORANDUBAS: Pois nessa época a Cásper Líbero era agregada à PUC. Assim, por tabela, você já foi professor da PUC... quais foram as lições do ESTADÃO?

Perseu: Mas era uma agregação mais jurídica que efetiva. Bom, para ir à UnB eu pedi demissão do ESTADÃO, onde fiquei 10 anos, numa época em que lá se operava uma grande revolução jornalística e modernização técnica. Ele era certamente o jornal mais importante do país, onde tive uma grande experiência profissional.

Do ponto de vista político, o ESTADO sempre foi extremamente conservador. Mas havia muitas bandeiras que coincidiam com minha maneira de ver: a defesa da democracia, contra a ditadura de Vargas. No ESTADÃO tive a oportunidade de participar de grandes eventos: golpe na Pérsia (naquele tempo não se falava Irã), a morte de Stalin, a vinda de Eisenhower, a inauguração de Brasília, o apresamento do navio Santa Maria, etc.

Claro, a partir de um certo momento, começou a surgir uma divergência entre vários jornalistas e a Direção do jornal. Foi quando começamos a ter maior participação sindical. Apesar de que, o Estadão sempre teve uma contradição: é um jornal "conservador-liberal", que chegou a abrigar inúmeros exilados anti-salazaristas. O ESTADO não é um jornal facista mas é declaradamente anti-comunista. Mas eu não tive nenhuma repressão lá. Saí por minha conta.

PORANDUBAS: Mas você teve problemas de consciência...

Perseu: Ah, isso a gente sempre tem, em qualquer lugar. Tive dilemas lá da mesma forma que teria se amanhã viesse trabalhar no PORANDUBAS...

PORANDUBAS: Que beleza! Nesse dia a gente estenderia um tapete vermelho pra te receber!

Perseu: (Tapete VERMELHO? O que você quer dizer com isso?) No fundo, o jornalista nunca se sente completamente integrado na empresa em que trabalha. Ele circula em meio a nuances ideológicas que interferem nos títulos, no corte das fotos, nos editoriais, etc. Se você está num ambiente em que cada detalhe é muito importante, fica difícil haver coincidência entre você e a empresa.

A profissão nos obriga a ter um distanciamento entre o que é a pura ideologia e o que é o seu trabalho. Claro, há limites ideológicos e éticos muito precisos. Nunca fui obrigado a trair minha consciência, porque tive a sorte de nunca ter trabalhado em jornal de picaretagem. Sempre trabalhei em locais com posições definidas, das quais eventualmente discordo, mas que são locais de profissionais. O ESTADÃO, a FOLHA, a TV Globo, nenhum deles, me obrigou a dizer coisas com as quais eu não concordasse, coisas de que me envergonhasse. Claro, eu sempre soube me manter

Mestre J



dentro dos limites da empresa. Tive que me calar muitas vezes em temas sobre os quais não era só eu que tinha que me calar. Nem a FOLHA nem, agora, a Globo me exigem que fale algo com que não concorde: tenho feito comentários sempre com a maior liberdade, embora saiba que no momento não posso, por exemplo, defender na TV Globo as eleições diretas para Presidente. Espero que talvez daqui a dois meses eu possa defender esta bandeira lá.

A UnB FOI UMA REVOLUÇÃO

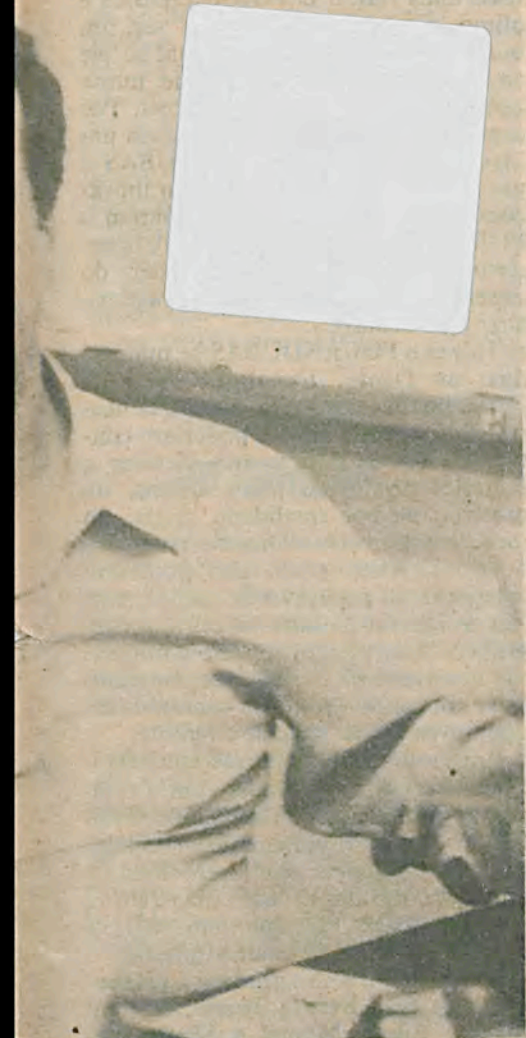
PORANDUBAS: Voltemos a Brasília. Você fundou o curso de Jornalismo de lá?

Perseu: Não, nem participei. O fundador do curso de Jornalismo da UnB foi Pompeu (e não Perseu) de Souza. Eu fui para o setor de Ciências Sociais, de acordo com minha formação. Nesse tempo a estrutura urbana da cidade era muito precária. A gente dava aula no auditório do Min. da Saúde. O Campus só começou a funcionar muito precariamente em agosto de 1962.

Fiquei na UnB até o Golpe de 64, quando invadiram militarmente o campus e prenderam alguns professores. Eu fui junto.

Porém o mais importante é que procurávamos criar uma Universidade inteiramente diferente das que existiam. Isso era de uma radical novidade porque hoje, bem ou mal, as universidades se reformularam, por força da evolução dos tempos mais do que pela ação de um governo ditatorial. No início da década de 60, até universidades progressistas como a USP, eram extremamente conservadoras na sua estrutura interna: havia a Cátedra, o catedrático era considerado dono do saber. A UNE, os intelectuais faziam movimento para acabar com esta situação. Pois a

ornalista



UnB já nasce sem o compromisso da cátedra. A grande alma da UnB foi Darcy Ribeiro, notável como Reitor, mantendo aberto o debate sobre todas as coisas numa Universidade que nascia.

PORANDUBAS: Como isso tudo se refletia dentro da sala de aula?

Perseu: Imaginem uma capital federal recém-criada, com boa parte da população formada por funcionários públicos transferidos de outras cidades. Muitos deles já tinha graduação e, de repente, estando lá, queriam fazer outro curso universitário. A média da idade dos alunos em algumas classes era maior que a dos professores. Era comum a gente dar aula para deputados ou filhos de deputados, para gerentes de bancos ou estatais, o que conferia às aulas uma responsabilidade muito grande. Nós ficávamos 24 horas por dia na Universidade, preparando aulas, atendendo alunos. O Departamento, além de ser uma reunião de professores, era uma referência física.

Nosso sistema de dar aulas supunha uma aula magna no início de cada unidade, diante de 200, 300 alunos. As aulas seguintes eram dedicadas ao aprofundamento do tema, para classes menores. Cada professor dava duas ou três aulas magnas por semestre, que eram ultra-preparadas, como se fosse uma defesa de tese. O professor não era muito sobrecarregado com aulas, tendo tempo para preparar aulas, examinar trabalhos de alunos.

"LE ROUGE ET LE NOIR" SUBVERSIVO

PORANDUBAS: Como foi o "Dia D"?

Perseu: Foram vários "Dia D". Brasília sempre foi muito isolada do resto do país. Só no dia 31 de março é que

percebemos sinais de que havia um movimento de sublevação, mas não estávamos em condições de avaliar seu significado. Fizemos um Comitê de Defesa da Universidade, achando que a UnB seria sitiada.

Dia 1º de abril as coisas ficaram mais claras: Goulart foi para o Uruguai, o Palácio foi invadido e Darcy quase foi preso, o pessoal da CGT começou a desaparecer. O campus se encheu de agentes policiais disfarçados. Tentaram prender o Presidente da Associação dos Professores, chamaram professores para depor. Ficamos de sobreaviso e continuamos com as aulas, mais ou menos regulares. Dia 9/4, cheguei às 7hs. da manhã, para dar uma aula magna. Aí vieram as tropas, da Polícia Militar de Minas. Traziam caminhões, ambulâncias, postos de comando, de rádio, vestidos com uniforme de campanha, rastejando com metralhadoras... foi algo até bonito... Alegaram que a UnB era foco de guerrilha, que estávamos armados. E nós ali no saguão de entrada, perplexos, sendo presos à medida que nossos nomes apareciam na lista. Ficamos o dia todo no Teatro Nacional e à noite fomos entregues ao Exército. Ficamos presos entre 15 e 30 dias e fomos sendo soltos aos poucos. A seguir fomos demitidos. Não havia nenhuma acusação formal contra nós: eles estavam interessados em caracterizar Darcy Ribeiro e João Goulart como personagens subversivos, corruptos. Também queriam saber se tínhamos armas escondidas. Houve coisas absurdas: a revista de arquitetura "COMUNITAS" foi confundida com "COMUNISTAS". Também apreenderam "Le Rouge et le Noir", de Sthenald...

Quando saímos, a UnB já estava sob intervenção federal, sob Zeferino Vaz, apoiado pelo min. Gama e Silva. Zeferino demitiu os professores presos alegando pressão do Exército. Não sei se era verdade, mas o fato é que ele não foi capaz de resistir às pressões. Aí começou o Inquérito Policial-Militar. Fomos proibidos de sair de Brasília, tivemos de devolver as casas pra Universidade, não podíamos trabalhar. Esta situação kafkiana durou até julho. Depois cada um voltou à sua terra.

Fiquei uns meses em São Paulo, "no desvio". Minha mulher foi convidada para participar de uma reforma administrativa na Un. Federal da Bahia. Lá fomos nós, eu passei a lecionar Sociologia, sendo meu contrato renovado todo ano. Fui destacado para lecionar no recém-montado curso de Pós-Graduação. Entretanto, boa parte dos professores do Pós não tinhamos a titulação. Então a UFBA ofereceu um Mestrado e nos capacitamos. Minha tese foi sobre Sociologia do Trabalho. Enquanto isso, eu também trabalhava com fascículos que o Pedro Paulo Poppovic, da Abril, mandava pra mim.

Quando voltei a São Paulo, em 1970, fui trabalhar na FOLHA DE S.PAULO, onde o Cláudio Abramo era Secretário de Redação. Também dei aula por algum tempo na Escola de Sociologia e Política e ajudei ainda a montar o curso de Jornalismo da FAAP.

JOGO DE CINTURA

PORANDUBAS: Como foi a contradição entre o Poder e áreas sensíveis como a Educação e a Imprensa?

Perseu: Antes de 64 as contradições eram de cunho pessoal. Por exemplo, a direção do ESTADO não gostou da minha participação na greve dos jornalistas de 1959. Com a Revolução é que

vieram as demissões, as constantes ameaças de dispensa na UFBA. Isso era desgastante porque eu já estava com 4 filhos (o caçula nasceu depois).

Já na FOLHA, as ordens da Censura vinham por telefone, para a Agência Folhas que re-transmitia aos editores a proibição de notícias. Assim, a gente ficava sabendo de alguns fatos importantes justamente devido à proibição da censura. Neste jornal passei por várias editorias até que me tornei Editor da seção de Educação. Internamente, tínhamos muita liberdade e procuramos driblar a Censura publicando notas sobre a atividade estudantil. O método que adotamos foi dar a íntegra das declarações dos dois lados. Ficava um calhamaço, até chato de ler, mas já era uma brecha.

AS DIRETAS E A FOLHA

PORANDUBAS: Qual é a postura ideológica da Folha? As posições dela são coerentes?

Perseu: Eu diria que ela já esteve melhor, graças aos méritos do Cláudio Abramo. Não é porque ele é meu parente, mas considero-o um dos melhores jornalistas, inovador, politicamente correto e profissionalmente rigoroso. Cláudio Abramo foi meu grande professor.

Acho que a opção atual da FOLHA pelas eleições diretas é sincera. Se os seus motivos últimos são no sentido de antecipar-se aos destinos da Nação, espécie de marketing político, tudo bem. Porque é claro que a democracia virá, que haverá eleições diretas, que ainda seremos um país mais civilizado. Tudo isso redundará em benefício daquele jornal que souber antecipar-se. Mas é inegável que a Folha tem uma posição conjuntural correta. Daí a achar que a FOLHA é um jornal voltado para os interesses dos trabalhadores ou para o futuro do socialismo, claro que não.

Acho que a FOLHA não tem coerência: ela se guia por uma grande sensibilidade quanto ao momento histórico. Desta forma, quando o momento foi facista, a FOLHA foi facista; quando veio a abertura, a FOLHA começou a abrir. Nisso ela tem mérito maior que o Estadão ou a TV Globo. Eles levam muito tempo até perceberem as mudanças.

PORANDUBAS: A FOLHA seria um jornal oportunista, tipo Serginho?

Perseu: É, oportunista no sentido usado pelos cronistas esportivos. Talvez ela deva seu senso de oportunidade à visão empresarial do Frias, ou à influência do filho do Frias e dos coordenadores. O ESTADÃO é mais capaz de resistir a uma ditadura, assim como está resistindo à abertura. A FOLHA resiste menos mas capta melhor a mudança do momento.

PORANDUBAS: E a posição dos outros veículos frente às eleições diretas?

Perseu: Acho isso um suicídio deles, do ponto de vista institucional e até econômico, pois se contrapõem a uma corrente tão unânime. Mas espero que dentro em breve, o Jornal do Brasil, o Estado de S. Paulo, a Globo estejam pelo menos fazendo a cobertura, não sonogando mais o noticiário sobre as diretas. Embora os empresários sejam conservadores, eles não são loucos, e tenderão a conviver com um regime mais democrático. Na hora em que um grande veículo de comunicação perceber que suas contas publicitárias comecem a sofrer alguma influência daquilo que a maioria da Nação deseja,

eles vão mudar. É uma questão de sobrevivência dos veículos de comunicação.

"FRILA" GLOBAL

PORANDUBAS: Uma vez você nos viu carregando o PORANDUBAS no braço e disse que no jornal do PT acontecia o mesmo com você. Foi bom ouvir aquilo: salvou a nossa vida... Como você foi parar na Globo?

Perseu: O Luís, aqui presente, também carregou o jornal do PT, nas costas, literalmente. Depois que fui demitido da FOLHA devido à greve dos jornalistas de 78, fiquei desempregado. Então produzi a Revista do CÉBRAP e alguns fascículos. Fiquei no jornal do PT por opção ideológica. Em final de 1982, meu ex-colega Dante Matiussi me chamou para fazer na Globo um "free-lancer" sobre Vestibular. Surgiram novas tarefas, dentre as quais o "SP 2.000", que é um "free-lancer" mais estável.

PORANDUBAS: Mas você não é efetivo. É por razões políticas?

Perseu: Acho que não, já que o "SP 2.000" ainda está em fase experimental. Os companheiros da Globo foram muito generosos em me chamar pois eu estava meio esquecido. Talvez atrás desse tipo de projetos haja uma intenção — honesta — da Globo de melhorar a própria imagem, desgastada com episódios como a apuração das eleições no Rio, as greves dos metalúrgicos, o comício das diretas. Espero que a Globo melhore de fato, pelo incremento do mercado profissional e também como serviço à população. Os profissionais do setor de Jornalismo da Globo de S. Paulo são muito bons e só não fazem melhor devido às restrições da Direção Geral, que sempre alega que a televisão é uma concessão do Poder Público.

PORANDUBAS: Essas restrições, por exemplo, quanto aos comícios das diretas, não provocam uma crispação em vocês?

Perseu: Isso provoca uma angústia muito grande. Assim como era terrível ler um editorial da FOLHA dizendo que não havia presos políticos quando seus amigos eram torturados e mortos a 200m dali. É uma situação difícil de suportar mas sabendo usar as armas da profissão, é possível abrir brechas: é o que sempre fizeram os jornalistas brasileiros a quem se deve boa parte da resistência democrática à ditadura. Nos períodos mais duros, a imprensa sempre passava a mensagem de que algo não ia bem. Os Sonetos de Camões, as receitas culinárias eram formas de dizer que havia censura no Brasil.

PORANDUBAS: Do alto de 55 anos de vida, 40 dos quais dedicadas ao jornalismo, como você contempla a ausência do jornalismo?

Perseu: Penso que jornalismo é a captação e organização de informações e sua transmissão para o maior público possível. O jornalismo é uma variante do método científico, uma forma de apreensão do real. Assim, o jornalismo é sempre muito mais conteúdo do que forma. Se você não tem nada para transmitir, não adianta fazer firula. Para mim, o objetivo dessa transmissão é a democratização da vida coletiva. A informação dá poder e se você acha que a coletividade deve exercer esse poder, ela tem que ser informada. O jornalismo fica a meio caminho entre a atividade científica e a atividade política, nas quais a informação ajuda a coletividade a se libertar de suas amarras. Por isso é que para tantos de nós a atividade do pesquisador do ativista político e do jornalismo acabaram se casando.

Perseu Abramo (cont.)

FURO EM CÓDIGO MORSE

PORANDUBAS: Qual foi a notícia mais importante que você deu?

Perseu: Foi na inauguração de Brasília, em que me envolvi muito, num intenso trabalho coletivo. Chegamos a enviar a primeira radiofoto feita no Brasil, usando a antena do Ministério da Saúde. O texto foi em Código Morse, através de um radiotelegrafista amador, já que o telex pifou na hora H. Com nosso material, a matriz de S. Paulo do ESTADÃO fez uma edição extra e a mandou no mesmo dia para Brasília, de avião. A inauguração ainda não acabara e a turma já se via na foto do jornal. Contaram-nos que quando a radiofoto começou a surgir no aparelho de S. Paulo, todo mundo começou a chorar, na maior vibração. Ganhamos o Prêmio Esso pela reportagem.

Outra notícia importante foi a do apresamento do navio Santa Maria, o primeiro grande sequestro dos tempos modernos. A princípio não entendemos o significado daquilo. Quando soube que os sequestradores eram antisalazaristas, mandamos o Miguel Urbano Rodrigues junto com o fotógrafo Lúcio Martins para o local, no Norte. Só eles desceram no navio porque o Miguel era correligionário dos autores da façanha. As fotos exclusivas do Lúcio foram muito disputadas.

Ainda outro momento emocionante foi quando o Fidel veio ao Brasil. Tivemos de nos organizar rapidamente: Cláudio Abramo, Oliveiros Ferreira e mais os jovens "focas" da redação, que eram o Vlado Herzog e o Luis Weiss. Acabamos entrevistando Fidel no Fasanô da Av. Paulista, comendo macarronada, vigiados por seguranças barbudos empunhando metralhadoras.

PORANDUBAS: E qual a notícia mais importante, para o futuro?

Perseu: Estou lembrando da manchete que redigi mentalmente no dia 1º de abril/1964: "A DITADURA CAIU, POVO CANTA E DANÇA NA RUA". O dia em que eu puder escrever ou ler esta manchete, vou me sentir recompenso.

JORNALISMO SE ENSINA?

PORANDUBAS: Como é a experiência de "ensinar", estimular alunos de jornalismo?

Perseu: Vou confessar que ainda não sei direito o que é mais importante ensinar. Hesito muito entre a ética e a técnica. De um lado, há uma técnica de obtenção e transmissão da notícia, sem floreios, sem incursões subjetivas, respeitando o que os antigos jornalistas ainda chamamos de "objetividade jornalística", com todas as ressalvas que o termo carrega. Por outro lado, o jornalista não é um mandatário do povo, não foi escolhido para ser mediador entre a verdade e o povo. O jornalista é um empregado de uma empresa e não deve aproveitar-se para passar suas idéias de contrabando. É preciso ter uma visão crítica do mundo, aliada à honestidade de dizer: "aqui é minha idéia e aqui são as coisas como aconteceram". O jornalista, só porque fez faculdade, não é um demiurgo da verdade, ele não sabe necessariamente mais que os outros. Ele é um profissional igual aos outros e precisa ter conhecimentos de história, de sociologia, para saber como funciona a sociedade, as pessoas e para transmitir o mais objetivamente possível. Tudo isso é muito simples mas é difícil de transmitir. No início do ano sempre penso no que é preciso mudar: confesso que ainda tenha certa insegurança como professor.

PORANDUBAS: Apesar dos pesares, os cursos de jornalismo são válidos?

Perseu: Sem dúvida. É bobagem dizer que jornalismo só se aprende na redação. É evidente que hoje o jornalista tem que ter nível universitário: o mundo está muito complexo e as coisas têm múltiplas referências. Se faltar um mínimo de formação básica, além do treinamento técnico, o jornalista cai nesse "papagueísmo" de reproduzir declarações de outrem. Isto é ser menino de recados, não jornalista. Ele deve ser capaz de captar tendências muitas vezes intangíveis. Quem não viu que o comício de 25 de janeiro mudou o panorama político brasileiro, não percebeu nada. Os cursos de Jornalismo, e o da PUC também, têm a virtude de abrir a visão crítica diante do jornalismo e do mundo, sem se restringir ao receituário dos jornais.

OFICIAL OU ALTERNATIVO?

PORANDUBAS: Você sempre nos pergunta como vai o PORANDUBAS, agora chegou nossa vez: que função você vê na imprensa universitária? No nosso jornal?

Perseu: Acho que o PORANDUBAS é um jornal um pouco ambíguo, o que não é necessariamente um defeito, mas uma característica. Ele está a meio-caminho entre o tipo "house organ" — que ele não é — e um jornal alternativo (que ele não é inteiramente). O PORANDUBAS tem elementos das duas coisas e às vezes não se sabe de que lado ele está. Creio que isso é meio inevitável, dada a história da PUC e do jornal. Não teria sentido vocês fazerem um jornal estudantil. Também não poderia ser um "press release" da Reitoria, sendo que vocês muitas vezes apontam defeitos da Instituição, da qual não se propõem a ser porta-vozes.

Acho que o PORANDUBAS teria um papel mais importante na medida em que se distanciasse do polo institucional e se transformasse num palco de debates. Outra hipótese seria a de uma tribuna livre, onde todo mundo falasse: resultaria um jornal difícil de fazer e até de ler. Talvez a primeira opção fosse mais viável. O PORANDUBAS é ótimo. Como está, consegue ser um bom jornal. Mas não seria mal se ele envolvesse toda a comunidade numa reflexão coletiva sobre seu papel. Por exemplo sinto junto a meus alunos um "feeling" de que o PORANDUBAS é um jornal oficial e também sem inovações gráficas. Talvez eles comparem o PORANDUBAS com os jornais-laboratório deles, em que às vezes a idéia do experimentalismo é levada a exageros, acho que absurdos.

Talvez o PORANDUBAS se pudesse ligar ao Depto. Jornalismo, não de forma institucional, mas creio que nossos professores e alunos poderiam contribuir. Talvez pudéssemos oferecer o material produzido pelos alunos, há matérias de boa qualidade. Seria um incentivo para eles e tornaria mais vivo o jornal. Além disso, eles poderiam colaborar na produção do jornal, pois eles reclamam da falta de contato com gráficos. Entretanto, ressalto a impressão que existe na minha área: é preciso levar em conta o resto da comunidade, que talvez tenha opinião diferente.

Enfim, o debate de idéias ajudaria o PORANDUBAS a romper com a imagem de jornal oficial; a sociedade brasileira se politiza rapidamente e necessita de mais discussão. Por outro lado, a imprensa estudantil aqui na PUC é muito precária. O que tem mais é grafitti. Mas isso já é outra questão.

(PORANDUBAS agradece a colaboração de João Batista Torres, Miriam Ibañez, Edson Miguel e Sérgio Gomes.)

Questão Carcerária Invade a PUC

Em 1981 o IEE iniciou uma série de seminários e debates sobre a Questão Carcerária. Formou-se, então, um Grupo Interdisciplinar que conta com quase 300 participantes. Em 1982 eles começaram um trabalho visando a edição do Manual dos Direitos do Preso, cuja distribuição terá início após a assembléia do grupo a ser realizada no próximo dia 17/3, às 8,30h, na sala 134 (todos os interessados estão convidados).

MOCINHOS OU BANDIDOS?

De acordo com o Dr. José Carlos Dias - Secretário da Justiça - "um dos grandes problemas do sistema é a falta de preparo do pessoal que trabalha nos cárceres. Existem os corruptos e os omissos que devem ser separados daqueles que tentam levar um trabalho honesto. Temos que resgatar o papel do funcionário do sistema carcerário e a universidade tem nisto o seu papel, quer debatendo publicamente a questão, quer criando cursos específicos para essa área".

Parece, entretanto, que o Estado não conseguirá alterar o clima de recíproca violência dentro dos presídios. Muitos desses funcionários (carcereiros, diretores) habituaram-se, durante anos e anos, à mais vergonhosa impunidade. Foram cidadãos acima de qualquer suspeita e não querem permitir, hoje, que a sociedade civil devasse os muros das prisões para constatar as condições reais de tratamento que são dispensadas à população carcerária. Obviamente não pretendem pôr

à mostra os quadros da vergonha, dos maus tratos, do tráfico e da corrupção.

Para o Prof. Michel Temer-Secretário da Segurança Pública a opinião pública vê a questão carcerária por um ângulo que é distorcido pelos meios de comunicação de massa. Para as entidades dos direitos humanos os funcionários dos presídios são sempre os bandidos e os encarcerados, os mocinhos. Nos programas de rádio as coisas são mostradas, exatamente, da forma inversa. "A questão carcerária - diz o Secretário - é um grande estopim."

Ocorre, porém, que a sociedade só é informada de um tipo específico de violência: a do marginal, a do trombadão ou do trombadinha. Falta mostrar (e parece que muitos não querem que isso aconteça) o outro lado da medalha, isto é, a violência diária que o sistema comete contra uma parcela da sociedade, negando-lhe salários justos, negando-lhe trabalho, não oferecendo condições mínimas de vida, pressionando-a a buscar na violência aquilo que o próprio sistema impede a essa parcela, no dia-a-dia.

JOGO DE PODER

Na opinião do Pe. Agostinho Duarte de Oliveira da coordenação do grupo "o preso é uma vítima do sistema, quer antes de cometer o crime, quer depois, dentro da prisão. Fecha-se um círculo do qual ele não conseguirá sair nunca mais. As relações se confundem com a corrupção, o tráfico, envolvendo a todos e levando sempre prejuízo ao preso e à sua família".

EDUCAÇÃO



Calouro Faz Arte

"Chega de só receber coisas prontas! Calouro, faça a sua semana! De 19 a 25 de março gostaríamos que você se recepcionasse, dançando, cantando, pintando, fotografando, jogando ou da forma que você achar melhor". Com este convite o DCE e a cantora e compositora Doroti Marques estão passando em todas as classes de calouros, desde segunda-feira desta semana. A idéia é juntar trabalhos dos calouros para a mostra "Calouro Faz Arte", a ser realizada na semana de 19 a 25/3.

A pitada política vem no final do convite: "Comece desde já a fazer a sua Universidade".

Reformas no Campus

O Prof. Penteado e os Assistentes de Serviços Administrativos (Odilon, Reynaldo e Tarcísio) deram uma panorâmica sobre a nova vestimenta dos campi, realizada durante as férias. Foram pintadas várias salas do 3º andar e outras o serão na Semana Santa. "É necessário - diz o prof. Penteado - que se conscientize a comunidade para a necessidade de preservação das salas de aula". Outras pinturas foram feitas na DERDIC, na Medicina em Sorocaba e "mais uma vez" no Salão Beta.

Outra novidade é a instalação de painéis de sinalização na entrada dos prédios da Ministro Godói e Monte Alegre, nas rampas e do lado de todos os elevadores. Forros de gesso e portas de miróforos foram consertadas. O WC do Pós ainda está em estudo, pois o vazamento vem da laje.

Quanto à escada de madeira entre o Prédio Velho e o corredor de acesso ao Prédio Novo (enterditado em 83) existem algumas dúvidas na interpretação das leis municipais sobre esse assunto e, dessa forma, está sendo feita uma consulta à Prefeitura para depois tomar-se uma decisão definitiva. Foram substituídos os telhados do Hospital Santa Lucinda (em Sorocaba) e do prédio da Diretoria do Centro de Matemática e Física. E finalmente, o estacionamento foi dividido em duas áreas: uma com 102 vagas para funcionários e profs. (tarifa econômica) e outra com 156 vagas para alunos (tarifa normal).

Revisão do Convênio Médico

Em novembro passado a funcionária Eliane J.S. Aguiar (Setorial de Jurídicas) correu perigo de vida uma vez que a Intermédica São Camilo medicou-a com analgésico durante fortes crises que obrigaram-na, alguns dias depois, a submeter-se (particularmente) a uma intervenção cirúrgica de emergência. Isso trouxe-lhe enormes despesas que não foram ressarcidas. Mas, ao que tudo indica, não será em vão mais este

sacrifício: acaba de ser constituída uma Comissão Especial para "avaliação do Convênio de assistência médica" devendo propor medidas no sentido de garantir a qualidade do serviço médico prestado aos docentes e funcionários. A Comissão Especial terá sua presidência o Prof. Wagner Bálera (CECOM) e também o Prof. Aloísio (APROPUC), o Tarcísio (AFAPUC), a Angela Rena (CRH) e o Dr. Rodolfo P.M. Araujo (de Sorocaba).

Consultivo? Deliberativo?

Ano passado a AFAPUC encaminhou à Reitoria a proposta de acordo de contrato de trabalho com vigência até março/85. A Reitoria enviou-a ao CAF (Conselho de Administração e Finanças) que, após vários meses de reuniões, levantamento e debates, remeteu seu parecer de volta à Reitoria.

Ocorre que, várias cláusulas aceitas pelo CAF, não foram aprovadas pela Reitoria e, por essa razão, o Tarcísio, Presidente da AFAPUC desabafou: "Qual a finalidade do CAF? Porque tanto tempo prá nada? É necessário que os integrantes daquele Conselho protestem pela desconsideração da Reitoria ao não aceitar itens aprovados naquela instância, afinal, o CAF é deliberativo e não consultivo."

Já o Vice-Reitor Administrativo, Prof. Marcos Masetto disse que tanto o Presidente da AFAPUC, quanto os membros do Conselho devem saber que há matérias deliberativas e matérias não-deliberativas. O contrato de trabalho dos funcionários foi ao CAF como um **pedido de apreciação para sugestões e manifestações.**

Outro argumento apresentado por Marcos é que as minutas e os contratos de trabalho tanto dos funcionários quanto dos professores são de competência da Reitoria e da Fundação São Paulo que discutem-nos e decide-os diretamente com as Presidências das respectivas Associações.

Nietzsche de Montão

O Laboratório de Psicologia Social - setor de Pós - promove um Ciclo de Conferências sobre "Nietzsche e a Transvaloração de todos os Valores". O Ciclo terá início em 23/3, com aulas semanais na 6ª-feira, das 13 às 16h, até 30/6. As conferências estarão a cargo dos profs. Scarlett Marton (da UFSCAR) e Roberto Machado (da U.F.R.J.). Maiores informações no Laboratório de Psicolo-

gia Social sala 412, 4º andar do prédio novo.

IEE

O Instituto de Estudos Especiais da PUC anuncia para o mês de março:

dia 17, de 8 a 17h., sala 134 - Assembléia do Grupo de Trabalho sobre a Questão Carcerária. Em pauta, entre outras coisas, a forma de divulgação do Manual dos Direitos do Preso, elaborado pelo grupo.

dia 19, às 19:30h, no TUCA: Eleições Diretas e Classes Trabalhadoras, debate promovido pelo IEE em conjunto com a Pastoral Operária e a Frente Nacional do Trabalho. Lula, Monteiro, Salvador Pires e Waldemar Rossi foram convidados. **dia 28, 19:30h., sala 239: A Violência Física no Cotidiano da PUC-SP,** debate com representantes da APROPUC, AFAPUC, DCE, Ciclo Básico e Reitoria.

Maiores informações no IEE, fone 62-2189.

Sorocabanas

Visita: Dia 9/12 a Dra. Eunice Del Fiol, diretora (eleita) do Conjunto Hospitalar do Estado em Sorocaba, fez uma visita de cortesia à Reitoria, agradecendo o apoio de Dna. Nadir à sua candidatura e reafirmando seu interesse de trabalhar com o pessoal do CCMB de Sorocaba.

100 milhões: Foi a verba entregue à PUC pelo Conselho Estadual de Auxílios e Subvenções (da Sec. de Promoção Social) em janeiro deste ano. O dinheiro é destinado à compra de equipamentos para o Hospital Santa Lucinda.

Residentes: O dinheiro referente ao pagamento das bolsas dos residentes médicos (5 milhões e meio) também foi pago pela FUNDAP. Só que o montante se refere ao segundo semestre de 82, que havia sido coberto pela PUC. Isto é, o dinheiro veio depois de ter sido gasto, infelizmente.

"Boys Vão à Luta"

Depois de cartas às autoridades universitárias (com cópia até para D.Paulo), de abaixo assinados com numerosas assinaturas de apoio e de inúmeras declarações do setor ligado à área de pessoal, continua esperando solução definitiva a reivindicação dos "boys" da PUC. Eles querem que para os exames de seleção para as vagas de Escriturário I, seja dada

oportunidade primeiro a eles, antes de "convocar gente de fora". A Comissão de Cargos e Salários da AFAPUC considera a situação insatisfatória porque "as contratações por tempo determinado acabam se efetivando e as pessoas contratadas ocupam lugares que caberiam prioritariamente aos mensageiros caso pudessem ter feito os concursos".

Curso Eletivo

"O PENSAMENTO ECONÔMICO DA IGREJA", profª Claudia Mª Fuser. Curso destinado a alunos de todas as áreas. Equivalente a 4 créditos obrigatórios em Teologia-PFTHC. O curso terá 2ª parte no 2º semestre. Prazo de inscrição até 16/3. Informações pela sala 334 (setorial de humanas ou Depto. Teologia).

Educação Pró-Diretas

A SBPC, ANDES, UNE, FASUBRA, UBES e outras entidades representativas a nível nacional na área da educação, convidam para uma manifestação nacional pró-diretas, no Auditório Fernando de Azevedo (Secret. Educ.), à Pça. República nº 53. A manifestação será dia 16/3 às 14.30h. Vamos lá: sem liberdade não há educação; sem democracia não há liberdade; sem escolha de todos os seus governantes pela própria população não existe democracia.

PUC na África

Em fevereiro o Prof. Ladislau Dowbor (da FEA e Pós em Administração) foi para a Guiné Equatorial, a convite da ONU. Naquele país, Ladislau coordenará a montagem do Ministério de Planificação e Desenvolvimento Econômico. A Guiné Equatorial (não confun-

dir com Guiné Bissau, onde Ladislau também fez trabalho semelhante) sofreu a colonização espanhola, estando independente a cerca de 10 anos e saindo recentemente de uma ditadura militar. O país conta com população de 1 milhão de habitantes e sua economia é agrícola.

Ladislau permanecerá na África durante o presente ano e em 1985 volta pras aulas na PUC. E o que se espera.

PUC na Argentina

Léon Pomer, argentino simpático e de testa larga, vai deixar as aulas de Histórias com que competentemente nos brindava. "Vou para meu país, ajudar a reconstruir a democracia", despede-se León. Que inveja! "Não gozes de mim Argentina!".

Vagas Para Doutores

O7 Programa de Pós em Psicologia Social está abrindo concurso para preenchimento de duas vagas (20h/sem.) para professores naquele Programa. Exige-se doutorado. As inscrições estão abertas até o dia 21 de março e as entrevistas serão entre 27 e 31/3. O Regulamento do Programa está à disposição dos interessados na Secretaria de Pós. Maiores informações com a Profa. Iraí Carone, no 4º andar do Prédio Novo.

Calourada Quer Diretas

O plesbiscito que o DCE organizou entre os candidatos ao Vestibular PUC-84 não deixou dúvidas: os calouros deste ano, com raras exceções, querem votar para presidente e já.

No último dia do exame vestibular 2520 candidatos responderam à questão proposta pelo DCE e pela UNE: **Você concorda com a eleição direta para Presidente da República?** O resultado final foi: 2414 sim, 90 não, e 16 em branco. Quer dizer... só falta mesmo é marcar a data...

INTELECTA



INTELECTA

- Tenha Noções de Comunicação
- Aprenda a usar os MICROS no seu cotidiano
- Conheça a linguagem BASIC
- DESCONTO de 10% para portadores deste anúncio

Rua Estela 515 - Edifício Central Park - conjunto B 32
Telefone: 231.2808



CURTAS

Eleição na Psicologia

O Depto. de Métodos e Técnicas da Fac de Psicologia elegeu, em 13/12 através do voto direto dos profs., sua nova chefe. A escolha recaiu sobre Maria Cecília Vilhena de Moraes e Silva que foi indicada por seus colegas pois, desde agosto/83, quando terminou o mandato de chefe, ela não se candidatava ao cargo. Onde as eleições são diretas, os candidatos são indiretos. Pode?.

APROPOUC nas Diretas

ASSEMBLÉIA A diretoria da APROPUC (Associação dos Professores da PUC) avisa os professores de que dia 15 às 21h, sala 134, haverá assembleia, com a pauta: 1-relato do IIIº Congresso da UNE em Piracicaba; 2-Campanha pelas Diretas Já; 3-Eleição da Reitoria PUC-84; 4-Prestação de contas de 83. **DIRETAS JÁ**- Na semana de 12 a 16/3 os professores lerão em sala de aula o "Manifesto ao Povo Brasileiro" e a "Carta de Piracicaba", documentos aprovados pelo último congresso da ANDES que defendem a Realização de eleições diretas-já, para Presidente da República. Segundo Alípio, um dos diretores da APROPUC, as diretas e a eleição da nova Reitoria serão os grandes temas da PUC em 84. Sendo assim a APROPUC apoiará o plebiscito nacional programado pela UNE para os dias 26 e 27/3, com um adendo: a prévia "em quem você votaria, hoje, para presidente da República?". A diretoria também apresentará proposta de paralização das emendas nas diretas e a participação da APROPUC na caravana que irá a Brasília.

UNE Avisa

O Flávio Dias Patrício, tesoureiro da UNE, esteve no PORANDUBAS para avisar os estudantes da PUC da programação da entidade para março: **Plebiscito Nacional**, dias 26 e 27/3 em todas as universidades os estudantes estarão dizendo sim ou não às diretas. Durante estes dois dias a UNE promoverá o delírio do Colégio Eleitoral, que deverá ser "enterrado" no dia 28, em manifestações públicas por todo país. Para o dia da votação das emendas da diretas da UNE está propondo uma paralização nacional.

"Certas Mulheres"



Esse é o nome do espetáculo que será apresentado nos dias 21 a 25/3, no TUCA, às 21h, pelo Balé da Cidade de São Paulo. Aliás, este grupo está fazendo uma tentativa de interessar os jovens da FEBEM pelas artes da dança, coreografia, coreografia, figurinos e parte técnica abrindo seu estúdio para 50 menores. 'Certas Mulheres' tem coreografia de Mara Borba e música de Wilson Roberto, Nino Rota e Kurt Weil. "É um espetáculo essencialmente feminino - diz Mara - e penetra nesse universo mágico, sensível e sutil através das emoções e sensações que envolvem a mulher."

Comer de Graça

O DCE informa que já estão abertas as inscrições para obtenção da BOLSA ALIMENTAÇÃO que dá direito a uma refeição diária no Restaurante da PUC, durante todo o ano de 1984. Os interessados devem procurar a Maísa, na sede do DCE (no salão Beta, srs. calouros) a partir das 19h. Podem se inscrever alunos de qualquer turno ou período. Mas corra, são poucas bolsas: ao vencedor as batatas!

Samaritanos

O Centro de Valorização da Vida abriu vagas para plantonistas voluntários. Será fornecido um curso a partir de 17/ março, sempre aos sábados às 14.30h. Os selecionados darão um plantão semanal de quatro horas, pelo prazo que puderem. Interessados em exercer a solidariedade concreta procurem o CVV à rua Alves Guimarães, 869, Pinheiros, tel. 883-4111

Sessão Maldita

1- **Graffiti I** (avistado num muro elegante do Pacaembu): "ITAIPU - GENERAL QUANDO NÃO MATA, DESMATA". Tá lá, não estou inventando não.
2- **Graffiti II** (idem): "DEL-FIM, ORA DOLLARS!"
3- **FALCONS**: na PUC tem um funcionário e um professor que são indênticos ao "Falcon", aquele brinquedo. Um faz a versão louca e o outro faz a

versão grisalha. Um doce para quem descobrir.

4- **NATAL DIFERENTE**: tem uma sessão desta Universidade CATOLICA que fez uma confraternização natalina à parte. Quem viu as fotos ficou de cabelo arrepiado com as "fantasias", especialmente as masculinas. Ui, ui!

5- **PERADA NA CABEÇA**: A pera veio do 3º andar do P.Novo e a cabeça foi a da Profa. Aimar de Andrade, coordenadora do curso de Pedagogia, que estava na entrada da Ministro Godoi. "É um absurdo! E o pior é que tenho a sensação de que foi proposital, ouvi risadas!" - comentava atônita a professora. O Júlio, não inventes de vender jacas na lanchonete, pelo amor de Deus!

Bemvidos à Vida

23/11/83-**PEDRO**-filho de Vera Lúcia Pagliari (Centro Educação);
10/11/83-**Melina**-filha de Mauro Luiz Campanini (Derdic);
30/11/83-**Rafael**-filho de Luiz Sérgio Monteiro (Xerox);
3/12/83-**Renata**-filha de Maria Helena Marini (Setorial de Humanas);
7/12/83-**Nilson**-Filho de Nilson Custódio de Almeida (Oficinas);
9/12/83-**Rachel**-filha de Oswaldo Giacóia Júnior (Fac. Comunic. Filosofia);
21/12/83-**Leonardo**-filho de Esther A.G. Martins (Creche);
7/1/84-**Luana**-filha de Maria de Lourdes Ribeiro (Limpeza/ Conservação);
11/1/84-**Talita**-filha de Paulo Alberto Zamarioli (Setorial de Humanas);
20/1/84-**Bruna**-filha de Angela Emília Bordon Pesce (Coord. Rec. Humanos);
3/2/84-**Roberto**-filho de Roberto Souza de Carvalho (Audio-Visual).

Teses

• 7/12 — "Práticas Sociais de Crianças Pobres: Uma Estudo numa Favela de Londrina", de Magali Pereira em Psicologia Social. Orientou: Maria do Carmo Guedes.
• 8/12 — "Aspectos Psicolinguísticos da Percepção Fonológica em Crianças de 4 a 6 anos", de Eunice Pacheco em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Orientou: Eleonora Mata Maia.
• 12/12 — "Questionando a Aprendizagem" de Maria Alice Rocha em Psicologia da Educação. Orientou: Joel Martins.
• 12/12 — "A Constituição do Interlocutor Vocal", de Mª Francisca Leir em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Orientou: Eleonora Moto Maia.
• 13/12 — "Caracteres Numéricos e Somas de Gauss" de Oswaldo L. Guimarães em Matemática. Orientou: Carlos Alberto Callioli.
• 13/12 — "Planos Afins Desarguesianos e Planos Inversivos Miquelianos" de Carlos Klein em Matemática. Orientou: Erika Ruoff.
• 14/12 — "Estudo da Lei 5692/71 no Ensino de 2º Grau: Consequências na sua Implantação", de Maria Helena O. Carvalho, Doutorado em Psicologia da Educação. Orientou: Joel Martins.
• 14/12 — "Espaços Ortogonais", de Airton Barboni em Matemática. Orientou: Erika Ruoff.
• 15/12 — "Proposta de uma Técnica Alternativa de Supervisão de Estágio

para a Formação de Psicólogos" de Gohara Yehia em Psicologia Clínica. Orientou: Yolanda Forghieri.

• 15/12 — "Análise do Vestibular da FUVEST de 1977 a 1981 - O Efeito das Mudanças na Sistemática do Vestibular sobre a Questão das duas Fases e Falsos Negativos" de Afira Ripper, Doutorado em Psicologia. Orientou: Joel Martins.
16/12 — "Diferenças entre repostas de irmãos de alunos de APAE e de irmãos de alunos de classes de educação especial a um instrumento adaptado do roteiro de entrevista de Frances Kaplan" de Nilce Carpentieri em Psicologia da Educação. Orientou: Wilma Penteado.
16/12 — "Grupos Métricos" de Sônia Gouveira em Matemática. Orientou: Erika Ruoff.
20/12 — "Desenvolvimento da Compreensão Auditiva e Retardamento da Prática Oral no Início de Aprendizagem do Inglês por Brasileiros: Uma Experiência" de Verônica Totis, em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Orientou: John Robert Schmitz.
21/12 — "Um Outro Nordeste: O Algodão na Economia do Rio Grande do Norte (1880/1915)" de Denise Takeia, em História. Orientou: Stefânia K. Canguçu Fraga.
22/12 — "A Ilusão Especular: Ensaio sobre a Fotografia", de Arlindo Machado, em Comunicação e Semiótica. Orientou: Maria Lúcia Santaella Braga
• 22/12 — "Contribuição a um Processo de Avaliação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP - a Visão de Professores e Alunos" de Ivani de Oliveira em Serviço Social. Orientou: Helana Junqueira.
• 23/12 — "Violência de Pais Contra Filhos: Procuram-se Vítimas", de Viviane. Guerra em Serviço Social. Orientou: Evaldo Amaro Vieira.
• 28/12 — "Portugal: o 'Combate' pela Autonomia Operária", de Lúcia Emília de Barros em Ciências Sociais. Orientou: Maurício Tractenberg.
• 29/12 — "Fragmentos sobre a Vida na Roça (Estudo Psicossocial com pequenos Proprietários Rurais)", de Odair Sars em Psicologia Social. Orientou: Iraí Carone.
• 20/2 — "Prática Social das Uniões de Moradores de São Luiz do Maranhão Forma de Organização/Ação", de Raimunda B. Costa em Serviço Social. Orientou: Dilséia Bonetti.
• 22/2 — "Plantão de Serviço Social, sua importância e possibilidades de atuação breve no enfoque existencial. Uma vivência no plantão social das delegacias de polícia de São Paulo", de Maria de Lourdes Suzana, em Serviço Social, Orientou: Suzana Medeiros.
• 23/2 — "Tu Contas! Eu Conto! (Caracterização do significado do Bumba-Meu-Boi para a população do bairro de Madre de Deus, como expressão da cultura popular e ao mesmo tempo como lazer em São Luiz do Maranhão)", de Maria do Socorro Araujo, em Serviço Social. Orientou: Úrsula Karsch.
• 24/2 — "O Exército Colonial da Capitania de São Paulo (1750-1777)", de Enrique Barbiato, em História. Orientou: León Pommer.
• 27/2 — "Padrões Prospectivos e Retrospectivos do Discurso Falado", de Maria Domiciano, em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Orientou: Anthony Reyes.
• 29/2 — "A Questão da Autoridade no Desempenho da Função do Coordenador Pedagógico", de Marisa Del Cioppo Elias em Supervisão e Currículo. Orientou: Myrtes Alonso.

Teses de Março

• 9/3 — "Substituição Processual", de Ephraim de Campos Jr. em Direito Orientou: José M. de Arruda Alvim.
• 14/3, às 14h. — "As Relações de Produção e a Educação do Trabalhador", da distribuição desigua do saber à veiculação da concepção de mundo", de Acácia Zeneide, Doutorado em Educação. Orientou: Dermeval Saviani.

• 15/3, às 9h — "De Camponesa a 'Madame': Trabalho Feminino e Relações de Saber no Meio Rural", de Olinda Noronha. Doutorado em Educação. Orienta: Carlos Rodrigues Brandão.

• 20/3, às 14h — "Durkheim, Leitor de Rousseau: Política e Sociedade", de Maria Valdez Negreiros em Filosofia. Orienta: Bento Prado Jr.

• 21/3, às 10h — "A Sensibilização pela Comunicação Não-Verbal e por situações lúdicas: uma proposta metodológica para o trabalho psicopedagógico baseado numa abordagem humanista de educação", de Ana Szpizkowsk, em Psicologia da Educação. Orienta: Yolanda Forghieri.

• 22/3, às 9h — "Desenvolvimento de Recursos Humanos e Magistério de 1º Grau", de Maria Angélica Martins em Supervisão e Currículo. Orienta: Antônio Chizzotti.

• 24 às 14h — "Clarice Lispector: A Travessia do Oposto" de Olga de Sá. Doutorado em Comunicação e Semiótica. Orienta: Haroldo de Campos.

Anúncios Populares

1 **QUARTO MOBILIADO**— Alugo um quarto mobiliado, próximo à PUC. Falar com Gabriela. Fone 864-0595.

2- **TERRENO**— Vende-se um terreno medindo 10,25mts, localizado no ardim do Pescador, em Itanhaem. PREÇO Cr\$ 1.800.00,00 à vista. Procurar José Carlos. fone 263-0211 ramal 216

3- **PENSIONATO PARA RAPAZES**— Cozinha lavada, pode usar a cozinha, Rua Caetés 75- fone: 62-2568 (à noite), falar com Elisete ou João.

4- **TÊNIS E MEIAS**— Vendo todos os tipos de tênis e meias esportivas, mais baratos do que nas lojas. Procurar Dna. Julieta, na Biblioteca Central (recepção) ou pelo ramal 265.

5- **VAGA**, para moça ou rapaz de fino trato. Rua Francisco Estácio Fortes, 136 ap. 1. Pertinho da PUC. Procurar dª Célia.

PROCURO MOÇA para dividir apto. perto da PUC. Interessados, falem com Glória, tel. 32.0516 (h. com.)

7- **PIANISTA**, precisa-se urgente, com experiência para tocar em bar acompanhando vocalista. Falar com Deise, tel. 287-7976 (noite)

8- **CASA**, aluga-se (comercial ou residencial) Rua Domicio da Gama, 107, perto da PUC, grande, com quintal, garagem, totalmente reformada e muito segura. Tratar direto com Carmem ou Roberto, fone 62.1030.

9- **VAGAS PARA MOÇAS**- Em frente à PUC. Alugo vagas para Moças com café da manhã. Telefonar somente à noite, tratar com Tânia, fone 65.7352

10- **IMPOSTO DE RENDA** descomplicado? Faça para você, rapidinho e com segurança. Procurar pelo Vasco, ramal 295.

11- **O JORNAL "NOSSA MÚSICA"** deste mês já está nas bancas! Assine o "NOSSA MÚSICA" Rua Carijós, 424, s/1209- Centro, BH- MG. CEP 30 000. Ou Cx Postal 1649.

12- **DATILOGRAFIA** trabalhos, apostilas, dissertações, teses, textos didáticos artigos, livros, etc. com ou sem revisão. Máquina elétrica IBM. Tratar com o Eduardo pelo ramal 302, manhã e tarde.

13 — **TOCA-FITAS P/AUTO** — Vendo um toca-fitas p/autor, marca TKR, com AM e FM. Tratar com Mauricio - Fone: 229-0501 (à noite).